

Ainda mais vulneráveis

Tese: susceptibilidade dos adolescentes a transtornos mentais aumenta 20% quando se considera o público homossexual; nessa fase, apoio da família é ainda mais importante para evitar prejuízos

Eduardo Gregori gregori@rac.com.br

Uma pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), feita pela psicóloga Daniela Barbeta Ghorayeb, chama a atenção para a grande vulnerabilidade dos adolescentes a transtornos mentais. Se considerada a orientação sexual do público-alvo, o número de casos aumenta 20%. De acordo com o estudo, 35% dos que se identificaram como homossexuais apresentam transtorno depressivo; entre os heterossexuais, a taxa é de 15%.

O preconceito, principalmente na família, está entre os principais fatores de risco para a saúde mental do pessoal nessa faixa etária. **Metrópole** conversou com a autora da pesquisa de mestrado *Homossexualidades na adolescência: saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial*, orientada pelo professor Paulo Dagalarrondo, sobre o

impacto do preconceito decorrente da opção sexual nessa que é uma das fases mais conturbadas da vida.

Metrópole – Por que escolher a população jovem homossexual para o desenvolvimento da pesquisa?

Daniela Barbeta Ghorayeb – A psiquiatria é um pouco acanhada com temas tabus, como a sexualidade, e não existe no Brasil esse tipo de pesquisa, nem estudos que cruzem saúde mental com preconceito e homossexualidade. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, por outro lado, a população homo e bissexual é estudada há mais de 20 anos. Nesses países, a orientação homossexual é encarada como uma variedade da sexualidade, cuja população tem um estilo de vida diferente e que, num contexto majoritariamente heterossexual, pode enfrentar dificuldades.

Qual é o primeiro preconceito que o homossexual enfrenta?

A rejeição dentro de casa, e cada fa-

mília se expressa de uma maneira. A percepção do preconceito no lar gera um impacto bastante negativo no adolescente. É diferente, por exemplo, de quando ele é discriminado na rua, mas tem acolhimento em casa. Nesse caso, a situação é encarada de outra forma e causa menos impacto.

Como o preconceito afeta a formação do adolescente?

Ele gera uma homofobia internalizada. A pessoa convive com o contexto homofóbico, passa a encarar o mundo como se fosse alguém que tivesse de sofrer preconceito porque há uma maioria no entorno dizendo que é errado, doença, perversidade. O preconceito, principalmente com o jovem, diminui a autoestima, interfere no autoconceito, na forma como ele se vê. Também interfere na formação da personalidade, da identidade e na dinâmica emocional da adolescência até a vida adulta.

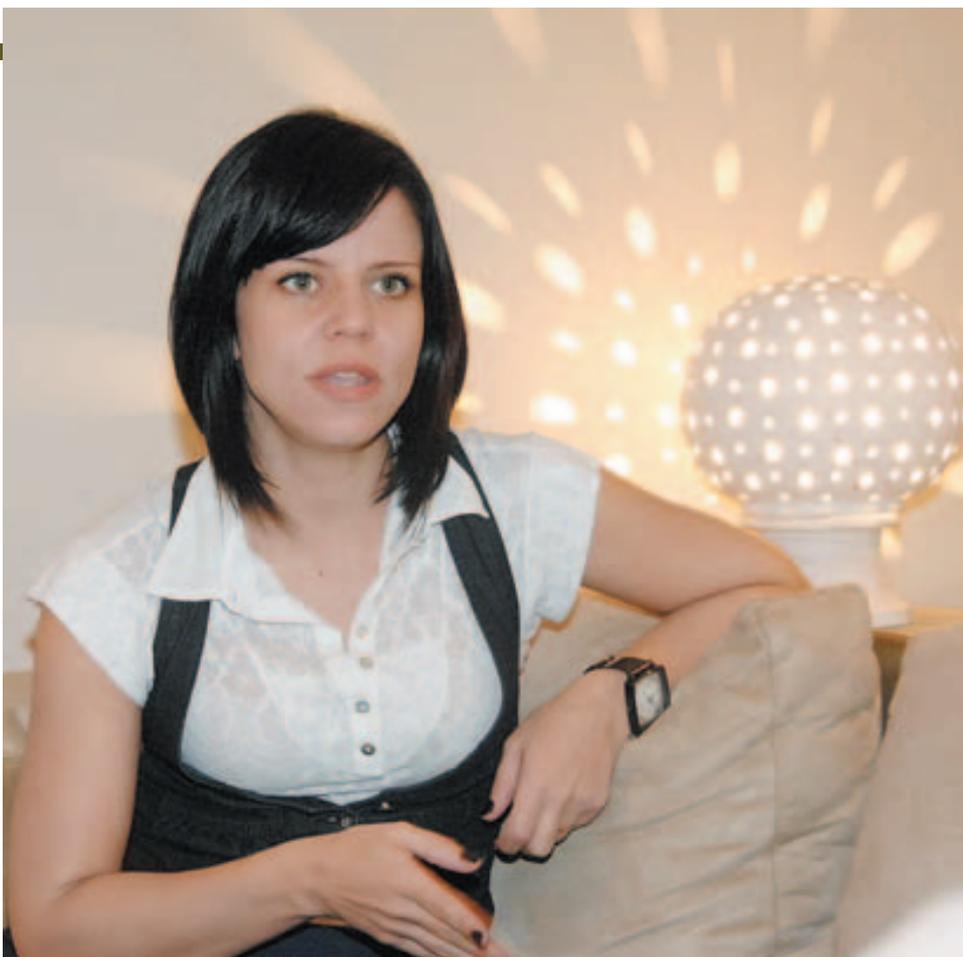
De que maneira é possível minimizar o impacto negativo entre esse grupo?

A terapia é um ótimo recurso, mas é a pessoa quem deve decidir fazer, ela precisa querer. O acolhimento coletivo também tem efeito positivo e forte. O jovem sozinho está um pouco amarrado, daí a importância da orientação familiar para que todos lidem com a diferença de outra maneira. O adolescente vai depender de como o entorno dele se comporta. A minha tese busca até abrir na Unicamp algum serviço de orientação para o jovem e a família. Criando um dispositivo dentro da assistência de saúde mental, começaremos a oferecer recursos para minimizar o impacto do preconceito.

Na sua opinião, o adolescente deve assumir a orientação sexual em casa?

Deixo para ele decidir. É preciso avaliar como a família vai lidar com o assunto, porque há casos em que assumir pode desestruturar o ambiente e o adolescente. Existem jovens que preferem não assumir para a família, mas o fazem socialmente, entre amigos e no trabalho. Isso tem um efeito positivo, embora o espaço mais adequado seja o familiar. O que não pode é não assumir em lugar algum. Esse é um caminho para adoecer.

E como os pais, em geral, lidam com a



AUGUSTO DE PAIVA/AAO

“A percepção do preconceito no lar gera um impacto bastante negativo no adolescente. É diferente, por exemplo, de quando ele é discriminado na rua, mas tem acolhimento em casa. Nesse caso, a situação é encarada de outra forma e causa menos impacto”

homossexualidade dentro de casa?

Ainda é muito difícil para eles. No início, ficam inconformados e depois passam a questionar quais fatores desencadearam a homossexualidade. Normalmente, ficam procurando traumas para justificar a orientação sexual do filho. Na terapia, eles se culpam muito, mas, quando aceitam, isso passa. Os pais precisam perceber que o mundo se modificou e que a homossexualidade não está, necessariamente, vinculada a traumas. Aos poucos, eles se dão conta de que o filho não é o único, que há uma diversidade sexual. Há ainda os que preferem não entrar na questão, o que não significa que estão rejeitando o filho. Esse comportamento pode expressar, por exemplo, que a família não tem condições de falar sobre o tema naquele momento e que, se for enfrentar o assunto, pode sobrecarregar o adolescente. Por isso, a discussão ocorre somente quando o filho

já é adulto.

A senhora diz que a sexualidade dos jovens de hoje é vivida com maior liberdade. O que mudou para as novas gerações?

A adolescência é uma fase de experimentação da sexualidade e isso inclui experiências homossexuais, o que não quer dizer que a pessoa precise ter uma identidade homossexual. O que vem acontecendo é uma evolução em relação à informação e uma exposição grande à mídia – com acesso a internet e TV a cabo, o jovem vê programas que mostram novos arranjos familiares. Outra questão é social e cultural. A identidade das pessoas vem, desde o início do século XX, sendo centrada na sexualidade. Identidade e orientação sexual até então definiam a pessoa. Mas, hoje, os adolescentes mostram que há uma possibilidade de as pessoas se

definirem a partir de vários aspectos da identidade, e não centralmente a partir da sexualidade.

A senhora acredita que os adolescentes estão quebrando moldes que definem a orientação sexual?

Eles vão continuar a se identificar com modelos, porque estes sempre existirão. Mas eu acredito que os modelos não caberão mais na cabeça deles, porque a visão de mundo está se ampliando, está menos presa a estereótipos. Avalio essa mudança como positiva, porque, no futuro, a sociedade aprenderá a conviver com as diferenças. Outro ponto favorável é que não dependeremos mais de modelos fechados. Mas isso só ocorrerá, de fato, em outras gerações.

Qual a maior preocupação dos pais em relação à homossexualidade?

É uma imagem distorcida do mundo homossexual. Na base de tudo está a frustração das expectativas em relação aos filhos. Os adolescentes contam que sentem vergonha porque sabem que estão frustrando os projetos de vida e os sonhos que os pais construíram pensando neles.

Mas alguns desses sonhos, como o de casar e o de ter ou adotar filhos, já são realidade para casais homossexuais. Isso não muda nada?

A sociedade brasileira está muito longe de compreender que a relação entre pessoas do mesmo sexo pode ser tão saudável ou tão complicada quanto uma heterossexual. E também distante de entender que um ambiente familiar homossexual pode ser tão saudável ou tão complicado para a criação de uma criança. Ainda há muitos tabus, muito estigma sobre a homossexualidade.

Que conselho a senhora daria para pais que estão confusos sobre a orientação sexual de seus filhos?

Que procurem falar com outras pessoas antes de conversarem com os adolescentes. O ideal é os pais buscarem ajuda profissional especializada. Eles não devem se culpar, porque também têm muitas emoções em relação ao assunto. Conversar e informar-se são formas de amenizar o que sentem em relação a uma possível novidade. ■